



# "BRITANNIA, RULE THE WAVES" — A ROYAL NAVY E OS ROYAL MARINES EM 1986

Gil Cordeiro Dias Ferreira

"Rule, Britannia  
Britannia rule the waves  
Britons never, never, never,  
Never shall be slaves."

As Forças Armadas do Brasil, de longa data, mantêm um intercâmbio salutar com as Forças Armadas de diversas Nações, através da troca de oficiais que freqüentam seus diferentes cursos de formação, aperfeiçoamento e extensão.

Além de estreitar vínculos diplomáticos e ampliar horizontes culturais, esse intercâmbio permite-lhes manterem-se a par das soluções adotadas por essas Nações para o atendimento de suas necessidades militares, ao mesmo tempo em que lhes fornece elementos de comparação e de reflexão para a solução dos seus próprios problemas.

O presente artigo, extraído de palestra proferida pelo autor na Escola de Guerra Naval, apresenta aspectos interessantes sobre a organização e a formação profissional das Forças Armadas britânicas, em especial da Royal Navy e da Royal Marines (Marinha de Guerra e Corpo de Fuzileiros Navais), colhidas no curso que realizou no Royal Navy Staff College (Real Colégio de Estado-Maior Naval) da Grã-Bretanha.

## INTRODUÇÃO

**U**ma das mais fortes impressões que fica em quem visita o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do

Norte é, sem dúvida, o elevado grau de civismo de seu povo. Constantemente, em eventos de toda ordem, podem-se observar grandes grupos de britânicos, tendo como características co-

mundos tão-somente a nacionalidade e o idioma, a entoarem marchas patrióticas, acompanhados por bandas militares ou orquestras civis. E dentre essas músicas, uma das mais populares é aquela cujo refrão foi reproduzido acima: "Britannia, rege as ondas; os britânicos jamais serão escravos."

Os versos traduzem a imensa identificação do Reino Unido com o mar. Diz-se comumente que, pelo fato de se reconhecerem ilhéus, dependendo, para a sua sobrevivência, do abastecimento pelo mar, lançaram-se os britânicos aos oceanos, constituindo seu famoso império. E de tal maneira agiram que suas ex-colônias ainda hoje mantêm estreitos vínculos com a Coroa, por meio da Comunidade Britânica, cultivando intenso intercâmbio nos planos econômico, social, cultural, tecnológico, militar e político.

Seja como for, o papel da Marinha Real na história do Reino Unido é de grande ponderância. E o termo "Marinha" não deve ser entendido apenas como significando as belonaves, mas todo um sistema dinâmico de meios flutuantes, instalações portuárias, indústrias pesqueiras e de construção naval, feitorias de além-mar e tudo o mais que, na definição brasileira, integra o Poder Marítimo.

No período de julho de 1985 a maio de 1986, tivemos oportunidade de conviver com a Marinha (Royal Navy) e os Fuzileiros

Reais (Royal Marines). O presente trabalho tem como propósito descrever a organização e algumas peculiaridades de ambos, como nos foram expostas no Curso de Comando e Estado-Maior (Royal Naval Staff Course) que realizamos no Real Colégio de Estado-Maior Naval (Royal Naval Staff College/Grenwich) e nos estágios conduzidos entre os Royal Marines, em diferentes locais da Inglaterra, Escócia e Noruega.

Cabe de inicio assinalar que as Forças Armadas britânicas, que atuam profundamente integradas, no âmbito do Ministério da Defesa, têm seu emprego previsto, basicamente, em três áreas:

- O Teatro Europeu, dentro do esquema defensivo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), no qual o Reino Unido, depois dos EUA, é o país mais comprometido, no que tange ao vulto das Forças empenhadas;
- Seu próprio território, para cuja defesa, além de parte das Forças Convencionais, concorrem também o Territorial Army (Exército Territorial, constituído de reservistas voluntários), a Policia e um sistema de Defesa Civil altamente sofisticado; e
- O chamado "Out of area", ou seja, as áreas fora da Europa onde se faz necessária a presença militar britânica, tais como Belize, Malvinas (Falklands) e algumas ex-colônias

onde, até hoje, são mantidas forças do Reino Unido, por motivos de ordem política (exemplo: Chipre, Brunei etc.).

O grande vulto dessas áreas, onde o Poder Marítimo britânico se faz necessário, é incompatível com a atual situação econômica do Reino Unido, o que leva a um inevitável estabelecimento de prioridades e a uma disputa entre o Ministério da Defesa e os demais por um percentual maior de recursos para fins bélicos, disputa esta nem sempre bem-sucedida.

Por outro lado, o pouco volume de recursos, no interior do Ministério da Defesa, conduz a outra disputa, entre as Forças Armadas, que pode ser sumariamente definida pelo "Trilema T<sup>3</sup>" – "TRIDENT / TORNADO / TROOPS" – ou seja, se as miniguardas libras serão empregadas na substituição do SSBM (Míssil Balístico lançado por Suhmarino) Polaris pelo novo Trident, da Marinha, ou no desenvolvimento do caça-bombardeiro Tornado, da Força Aérea, ou na reequipagem das tropas do Exército estacionadas na Alemanha Ocidental.

Diversos fatores concorrem para essa situação, dentre os quais enumeraríamos:

- No *plano da política interna*, a disputa entre conservadores (Tories), atualmente no poder, e trabalhistas (Labour), dificultando a aprovação de recursos para fins bélicos. E, ainda nesse plano, a crônica

crise política em curso na Irlanda do Norte.

- No *plano internacional*, as dificuldades de relacionamento com os demais integrantes da OTAN e da Comunidade Econômica Européia (CEE), que sempre olham com reservas a Grã-Bretanha, por força de rivalidades históricas e por esta nunca se ter considerado "européia". A isso vêm se somar: os comprometimentos diversos com os países da Comunidade Britânica, alguns dos quais já sob regime marxista; a manutenção de um razoável contingente militar nas Falklands, a custos elevados; e, principalmente, as consequências da aliança com os Estados Unidos da América (EUA), ou seja, as repercussões negativas, na opinião pública, da manutenção de bases aéreas, tropas e mísseis *Cruise* em solo britânico, a participação no projeto Guerra nas Estrelas e, mais recentemente, o inevitável apoio à ação militar americana contra a Líbia.

- No *campo econômico*, cada vez mais vem o Reino Unido aumentando sua dependência externa no setor primário. A indústria apresenta sinais inequívocos de decadência, entre os quais as polêmicas vendas de tradicionais fábricas inglesas (British Leyland, Westland) a grupos americanos. Finalmente, no setor terciário, vem a Grã-Bretanha

mantendo ainda uma posição de destaque no que tange ao desenvolvimento e comercialização de equipamentos de *high-tech* (alta tecnologia), e, no plano financeiro, pela exportação de capitais. Todavia, no comércio interno, tem ocorrido uma "invasão muçulmana", por parte de árabes, indianos e paquistaneses, que, como membros da Comunidade Britânica, hoje são proprietários da maior parte das lojas de Londres e de outras cidades de vulto. Se se considerar que a característica de Londres é justamente o pujante comércio varjista, principalmente para turistas, não será difícil concluir quanto à desfiguração que a capital inglesa vem sofrendo, fato que já ocasiona, inclusive, a criação de partidos racistas, "antimuçulmanos".

Ainda no campo econômico não se pode deixar de mencionar uma "internacionalização" dos bens duráveis e de consumo, como os carros japoneses, os alimentos franceses etc. que inundam as ilhas britânicas e afetam suas indústrias. E, *last but not least*, a queda do preço internacional do petróleo, que, quando ocorre, afeta um dos pilares da economia do Reino Unido: a exploração do "ouro negro" no Mar do Norte.

- No campo social, a adoção, em passado recente, de me-

didas estatizantes, no plano da assistência social, previdência, assistência médica e sistema de empregos, fez brotar na população uma mentalidade "paternalista", ou "assistencialista", que concorre para descharacterizar a imagem tradicional dos britânicos: a de indivíduos profundamente identificados com o trabalho intensivo na área da iniciativa privada.

Observa-se certo "envelhecimento" da população em decorrência da adoção de medidas de controle de natalidade. A persistir esse quadro e considerando os avanços da medicina, a médio prazo a força de trabalho talvez não seja mais capaz de sustentar o número cada vez maior de pensionistas do governo.

Todas essas circunstâncias se refletem na organização e no desempenho das Forças Armadas. O sucesso na crise das Falklands injetou boa dose de otimismo nos britânicos, contribuindo para amenizar o quadro de decadência econômica e social antes de 1982 – a vitória dos conservadores logo após a guerra é indicador disso. Todavia, quatro anos depois, o quadro parece retornar ao período pré-Falklands, com prognóstico de vitória do Labour Party sobre o Partido de Margaret Thatcher, caso a popularidade desta não consiga reagir ao declínio resul-

tante de sucessivas crises a que vem sendo submetida.

Malgrado todas essas considerações, observa-se nas Forças Armadas britânicas um elevado grau de profissionalismo e de crença em sua destinação. Concorrem para tal, basicamente, duas circunstâncias:

- O fato de a Grã-Bretanha "estar em guerra", na Irlanda, nas Falklands e dentro do esquema defensivo da OTAN – a ameaça soviética não é subestimada –, estando já definidos, nessas áreas, a Missão, o Inimigo e o Ambiente. Tudo recai, pois, em uma questão de Meios – vale dizer, econômico e tecnológico; e
- A emulação natural, originada pela dependência cada vez maior dos norte-americanos, associada a uma certa descrença quanto à plausibilidade de uma reação eficaz destes em caso de agressão soviética à Europa Ocidental, sem que haja ameaças claras ao território dos EUA.

Em suma, podemos repetir o comentário de um oficial inglês, comandante de uma das unidades por nós visitadas: "We are few and we don't have money as the USA. So we have to be the best."

## A ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS BRITÂNICAS

O Poder Militar do Reino

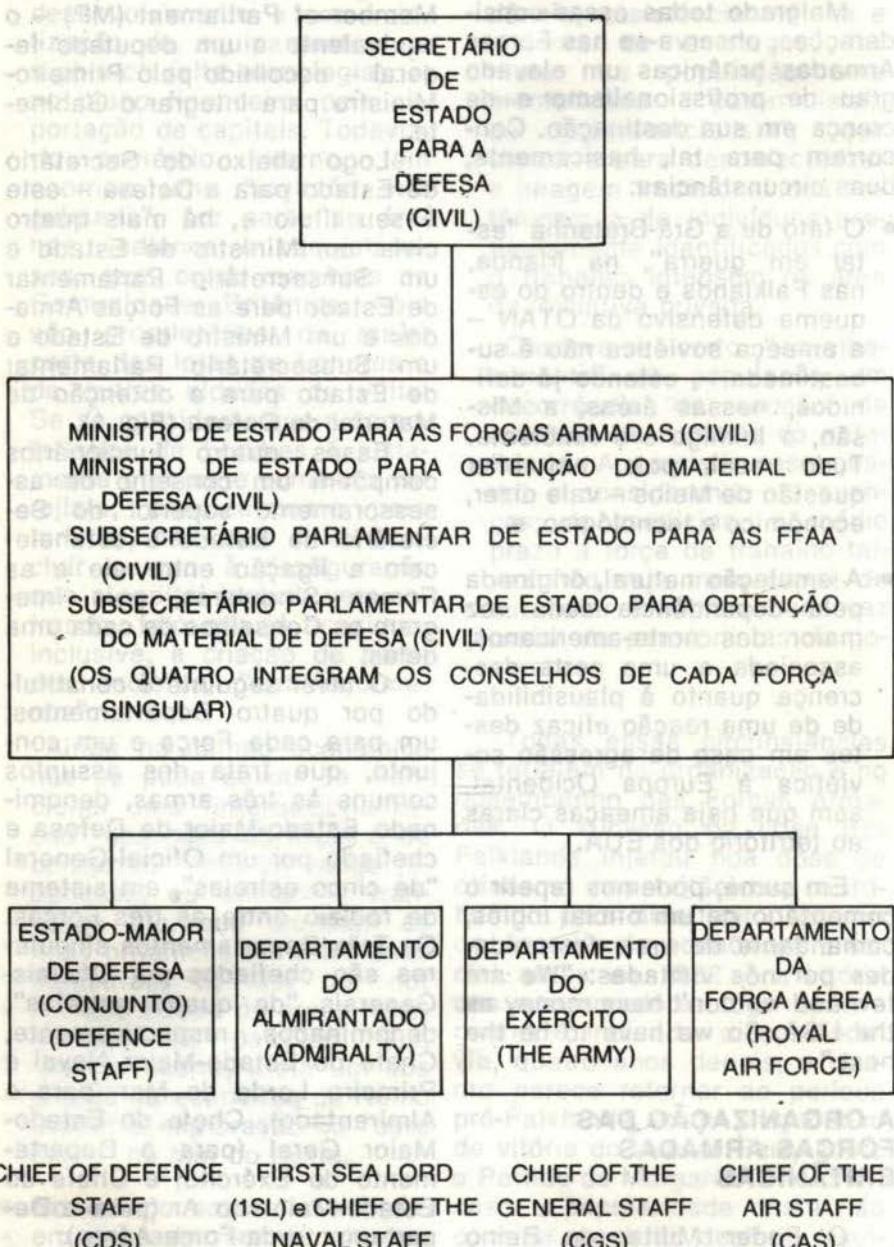
Unido se concentra no Ministério da Defesa, chefiado por um Member of Parliament (MP) – o equivalente a um deputado federal – escolhido pelo Primeiro-Ministro para integrar o Gabinete.

Logo abaixo do Secretário de Estado para a Defesa – este é seu título –, há mais quatro civis: um Ministro de Estado e um Subsecretário Parlamentar de Estado para as Forças Armadas e um Ministro de Estado e um Subsecretário Parlamentar de Estado para a obtenção de Material de Defesa (Fig. 1).

Esses quatro funcionários compõem um conselho de assessoramento superior do Secretário de Estado e estabelecem a ligação entre ele e as Forças Singulares, pois integram os Conselhos de cada uma delas.

O nível seguinte é constituído por quatro Departamentos: um para cada Força e um conjunto, que trata dos assuntos comuns às três armas, denominado Estado-Maior de Defesa e chefiado por um Oficial-General "de cinco estrelas", em sistema de rodízio entre as três Forças. Os Três Departamentos singulares são chefiados por Oficiais-Generais "de quatro estrelas", denominados, respectivamente, Chefe do Estado-Maior Naval e Primeiro Lorde do Mar (para o Almirantado), Chefe do Estado-Maior Geral (para o Departamento do Exército) e Chefe do Estado-Maior do Ar (para o Departamento da Força Aérea).

**Figura 1. Organização das Forças Armadas Britânicas (Services).**



Em cada um dos Departamentos há outros Oficiais-Generais que compõem os Conselhos ou Estados-Maiores de cada Força, bem como Diretorias Técnicas, estruturadas em cada Arma, à semelhança, no que é compatível, das outras duas.

Muitos Oficiais-Generais têm atribuições junto à OTAN, mas o detalhamento dessa estrutura paralela foge ao escopo deste trabalho. Quase todo esse conjunto de órgãos está situado em um imenso prédio – o M.O.D. (Ministry of Defence), como é conhecido – em Whitehall, Londres, havendo, entretanto, vários outros departamentos menores ou especializados espalhados por diversos pontos do país.

## A ORGANIZAÇÃO DA ROYAL NAVY

O Alto Comando da Marinha Real é exercido pelo Departamento do Almirantado, integrado pelas seguintes autoridades (Fig. 2):

- 1º Lorde do Mar e Chefe do Estado-Maior Naval ("4 estrelas");
- 2º Lorde do Mar e Chefe do Pessoal Naval ("4 estrelas");
- Controlador da Marinha, voltado para a obtenção de material bélico ("3 estrelas");
- Chefe do Apoio à Esquadra, responsável pelo setor de abastecimento, manutenção, reparo e serviços gerais ("3 estrelas");

- Controlador dos estabelecimentos de pesquisa e desenvolvimento (civil, normalmente cientista); e
- 2º Subsecretário Permanente de Estado (civil, que representa o componente político do Almirantado).

Cada um desses dirigentes tem a si subordinadas diversas Diretorias Técnicas, como as de Pessoal, Serviços Gerais, Recrutamento, Saúde, Suprimentos etc., bem como certos órgãos de apoio, quase todos chefiados por Capitães-de-Mar-e-Guerra.

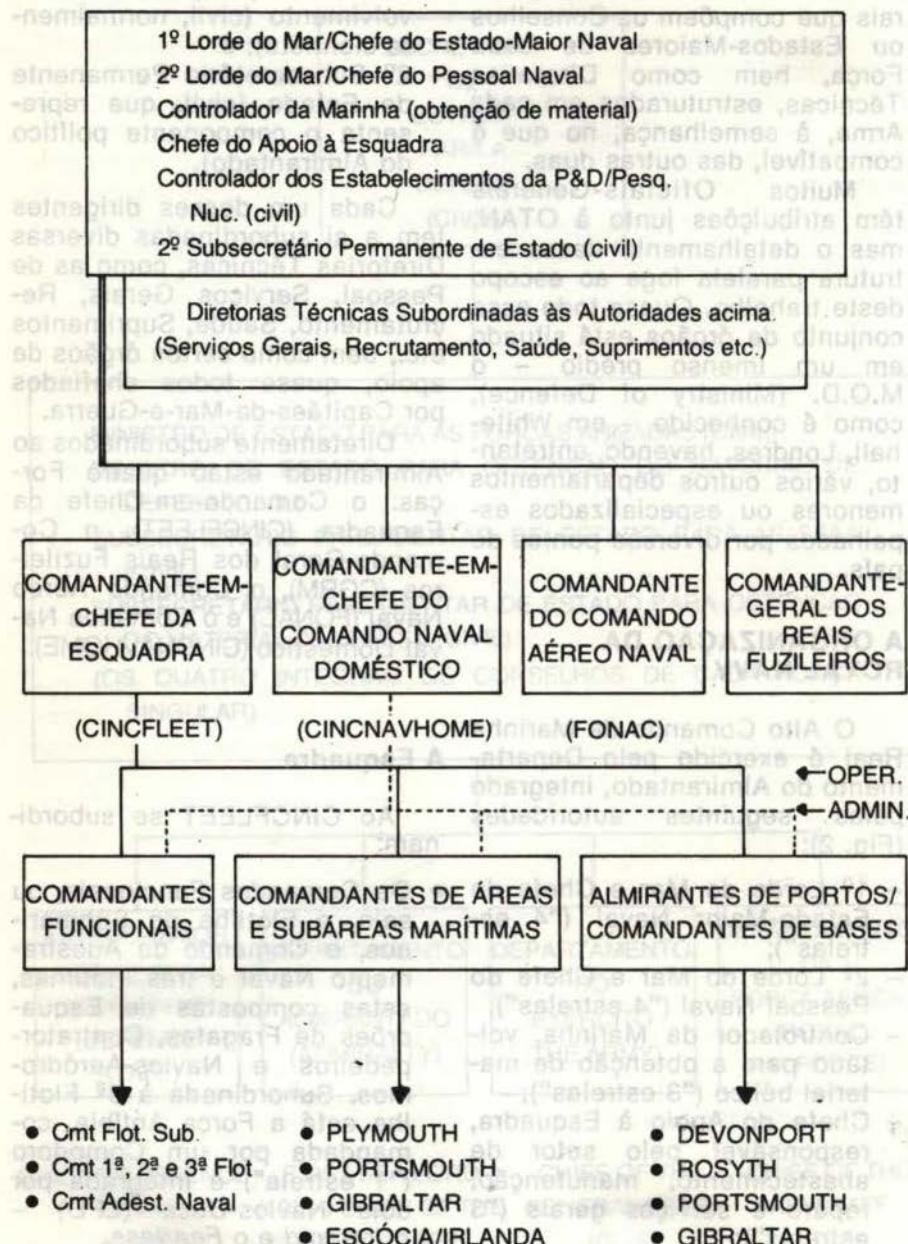
Diretamente subordinados ao Almirantado estão quatro Forças: o Comando-em-Chefe da Esquadra (CINCFLEET), o Comando-Geral dos Reais Fuzileiros (CGRM), o Comando Aéreo Naval (FONAC) e o Comando Naval Doméstico (CINCNAVHOME).

## A Esquadra

Ao CINCFLEET se subordinam:

- Os Comandos Funcionais, ou seja, a Flotilha de Submarinos, o Comando de Adestramento Naval e três Flotilhas, estas compostas de Esquadrões de Fragatas, Contratorpedeiros e Navios-Aeródromos. Subordinada à 3ª Flotilha está a Força Anfíbia, comandada por um Comodoro ("1 estrela") e integrada por dois Navios-Doca (LPD) – o *Intrepid* e o *Fearless*.

**Figura 2. Organização da Royal Navy.**



- Os Comandos de Áreas e Subáreas marítimas, que correspondem, no Brasil, aos Distritos Navais: Plymouth, Portsmouth, Gibraltar e Escócia/Irlanda.
- Os "Almirantes de Portos" e "Comandantes de Bases", cargos criados em locais onde a complexidade das instalações navais atingiu tal nível que exigiu a presença de mais um Oficial-General, além do Comandante da Área: Devonport (Arsenal), Rosyth (Base de Submarinos Nucleares), Portsmouth e Gibraltar.

Cabe assinalar que a Esquadra britânica não dispõe de uma Força de Apoio, como a Marinha brasileira. Lá, os Navios-Tanques, Navios-Oficinas, Navios de Suprimentos etc. integram uma organização denominada Royal Fleet Auxiliary (Real Esquadra Auxiliar), que não se subordina à Marinha, mas ao Ministério da Defesa, embora seja supervisionada e mantenha estreitos vínculos com a Royal Navy, inclusive na semelhança de uniformes, estrutura hierárquica, procedimentos operativos e administrativos etc. Trata-se, na realidade, de uma espécie de Marinha Mercante militarizada, que atua tanto no campo militar quanto no comércio marítimo.

### O Comando Naval Doméstico (Cincnavhome)

Trata-se de organização vol-

tada para o setor administrativo. As forças mencionadas no parágrafo anterior mantêm, de um lado, uma subordinação operativa à Esquadra, e, de outro, um vínculo administrativo com CINCNAVHOME, no que tange às atividades de apoio.

Além disso, subordinam-se ao Cincnavhome certas instalações em terra, como o Real Colégio Naval, que será apreciado mais adiante.

### O Comando Aéreo Naval (Flag Officer Naval Air Command – FONAC)

O Elemento Aéreo da Marinha britânica está dividido em duas partes:

- As aeronaves orgânicas dos navios da Esquadra, que compõem o Fleet Air Arm (Arma Aérea da Esquadra). Elas permanecem sob o Comando Operativo dos Navios onde estão lotados, recebendo supervisão funcional do FONAC;
- Os Esquadrões baseados em terra, de aeronaves de asa fixa e rotativa, diretamente subordinados ao FONAC.

### O Comando-Geral dos Reais Fuzileiros (CGRM – Commanding General Royal Marines), cuja estrutura será vista com detalhes mais à frente.

### Meios

O Quadro 1 relaciona sucintamente os meios empregados

### Quadro 1. Meios Empregados Pela Royal Navy.

#### NAVIOS DA ESQUADRA

3 NAE / 11 SB Convencionais / 10 SB Seminucleares / 4 SB Nucleares / 2 LPD / 15 CT / 31 FAS / 16 FEG / 30 NV / 27 Navios de Apoio (patrulhas, hidrográficos etc.).

#### NAVIOS DA REAL ESQUADRA AUXILIAR

2 Navios de Apoio a Helicópteros / 1 Navio-Oficina / 1 Navio de Salvamento

Submarino / 9 Navios-Tanques / 4 Navios de Suprimentos / 5 LSL (Landing Ship Logistics).

#### AERONAVES

Sea King AS MK-2 e MK-5 / Sea King MK-4 / Sea King AEW / Wessex HU5 / WASP HAS 1 / LYNX HAS 2 / Sea Harrier / NIMROD.

#### ARMAMENTO

MSS Exocet / MAA Sidewinder / MAS AS-12 (WASP), Sea Skua (LYNX) e Sea Eagle (LYNX) MSA Seacat, Seaslug, Seawolf (também antimíssil) e Seadart (também MSS) / MANTISUB I Kara / MSUB-SUP Subharpoon e Polaris / Trident / CAN 4.5" MK6 e MK8 / CAN BMARC 20 e 30mm / CAN Oerlikon 20mm / CAN Bofors 40-60 / CAN Otto Melara 76mm / Sistema Antimíssil Vulcan-Phallanx 6 Tubos Alta Velocidade.

pela Marinha Real e pela Real Esquadra Auxiliar.

Merecem destaque as seguintes observações:

- Dos 25 submarinos, 11 são do tipo *Patrol* (armamento e propulsão convencionais); 10 são do tipo *Fleet* (armamento convencional e propulsão nuclear); e quatro são do tipo *Polaris* (armamento e propulsão nucleares).
- Dos 15 contratorpedeiros, dois são da classe *County* (1962/70), um da classe "82" (1972) e 12 da classe "42" (1976/85).
- Das 31 Fragatas Anti-Submarino, sete são da classe *Rotheray* (ou "tipo 12 modificado") (1960/61); sete da classe *Leander-Série 1* (1961/63); oito da classe *Leander-Série 2* (1963/67); e nove da classe *Leander-Série 3* (1968/73).
- Das 16 Fragatas de Emprego Geral, seis são da classe 21 (1973/78) e 10 da classe 22 (1978/86).
- Para a realização de Operações Anfíbias, constitui-se uma Força-Tarefa nucleada na Força Anfíbia. A esta se incorporam diversos navios-mercantes requisitados (STUFT – Ships Taken up from Trade) e os navios de apoio da Royal Fleet Auxiliary, em particular os LSL (Landing Ship Logistics), que podem abicar e dispõem de plataformas de helicópteros.
- As Embarcações de Desembarque, tanto as orgânicas
- dos Navios-Doca (LPD) da Força Anfíbia quanto as integrantes do Esquadrão de Assalto, são comandadas e operadas pelos Reais Fuzileiros, dispondo, todavia, de destacamentos de Oficiais e Praças da Armada, incumbidos da sua manutenção.
- A Marinha não dispõe de Embarcações de Desembarque de Carga Geral (EDCG). As existentes são subordinadas parte à Royal Fleet Auxiliary e parte ao Exército, enquadradas em seu Royal Corps of Transport (Real Corpo de Transporte), já que a Força Terrestre também realiza Operações Anfíbias. Foi curioso visitar uma EDCG comandada por um Capitão do Exército.

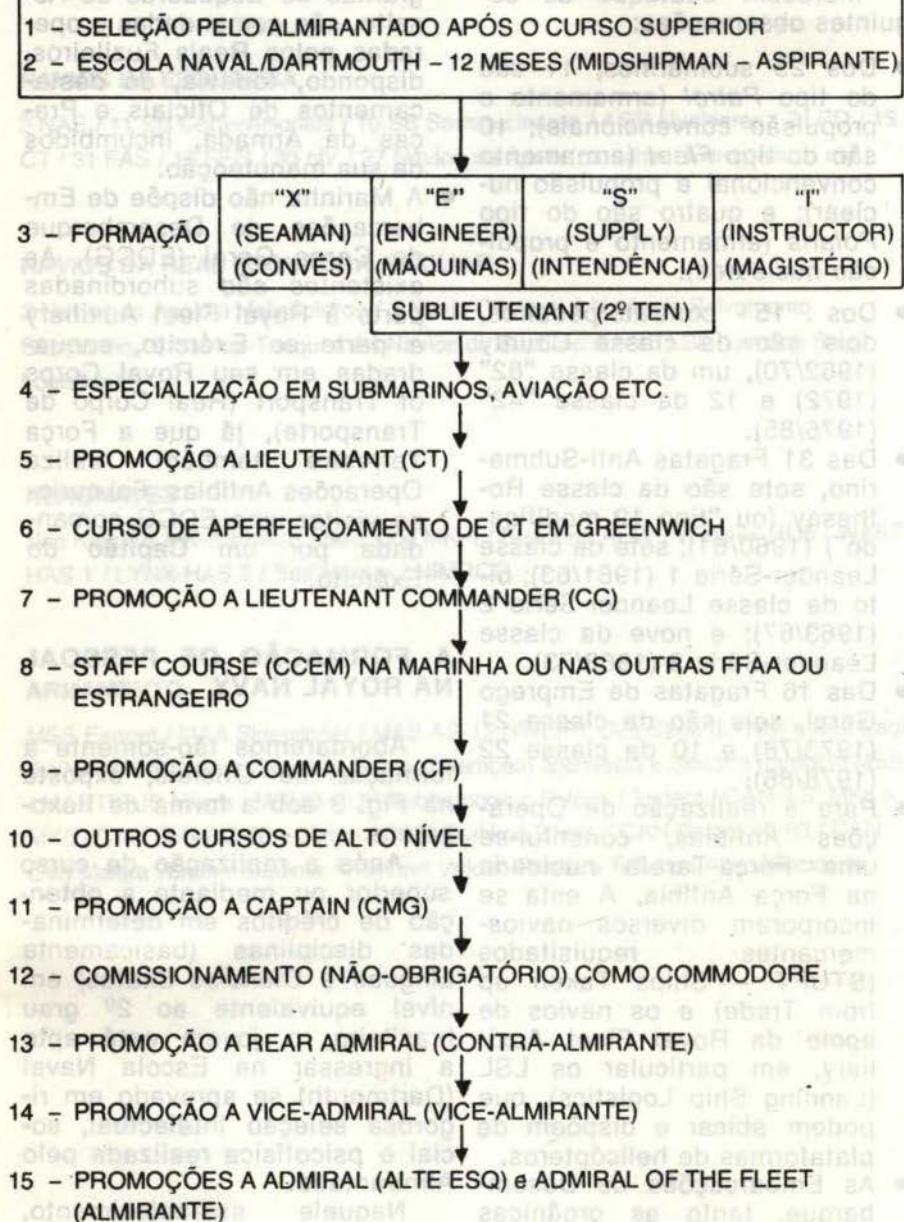
## A FORMAÇÃO DE PESSOAL NA ROYAL NAVY

Abordaremos tão-somente a formação de Oficiais, exposta na Fig. 3 sob a forma de fluxograma.

Após a realização de curso superior ou mediante a obtenção de créditos em determinadas disciplinas (basicamente Línguas e Ciências Exatas) em nível equivalente ao 2º grau brasileiro, o jovem está apto a ingressar na Escola Naval (Dartmouth) se aprovado em rigorosa seleção intelectual, social e psicofísica realizada pelo Almirantado.

Naquele estabelecimento,

**Figura 3. Formação de Pessoal na Royal Navy.**



como Midshipman (Aspirante), realizará um curso de um ano, optando por um dos quatro Corpos da Royal Navy – Convés (Seaman – "X"), Máquinas (Engineer – "E"), Intendência (Supply – "S") ou Magistério (Instructor – "I").

Não há qualquer distinção desses Corpos nas divisas – todos usam, igualmente, a "volta de Nelson". Apenas os pilotos e submarinistas – especialidades obtidas após a Escola Naval – usam emblemas especiais.

É curioso observar que as especialidades mencionadas não são incompatíveis com quaisquer dos Corpos de origem dos Oficiais, sendo comum encontrar-se Intendentes-suhmarinistas, Maquinistas-suhmarinistas, Instrutores-pilotos etc.

Após a Escola Naval, o Midshipman é promovido a Sublieutenant (2º Tenente), posto em que permanecerá por um período de cinco anos, durante o qual servirá em navios da Esquadra e realizará seu curso de especialização.

O posto seguinte é o de Lieutenant (Capitão-Tenente), pois na Royal Navy inexiste o grau hierárquico de 1º Tenente, ao contrário das demais Forças, inclusive os Royal Marines.

Como Lieutenant, em um período de cerca de seis a oito anos, o Oficial, além de exercer funções a bordo e em terra, realiza um curso de Aperfeiçoamento, no Real Colégio Naval, com duração de um ano.

Segue-se a promoção a Ca-

pitão-de-Corveta (Lieutenant Comamander), posto em que o Oficial realizará seu curso de Comando e Estado-Maior, seja no âmbito da Marinha, também em Greenwich, seja nas Escolas do Exército (Camberley) ou da Força Aérea (Bracknell), ou, ainda, nos EUA, Canadá e certos países da Europa.

Cahe ressaltar que os Cursos de Comando e Estado-Maior das três Forças são bastante parecidos e equivalentes. Durante o ano letivo, há diversos trabalhos conjuntos entre as três Escolas, e, por outro lado, nada impede que um Oficial de Marinha que tenha o curso do Exército venha a comandar um navio.

A partir desse curso, o Oficial recebe o título do P.S.C. (Post Staff Course) e fica habilitado a exercer o Comando de Navios, Forças ou estabelecimentos, bem como a trabalhar em Estados-Maiores.

Os postos subsequentes, em que o Oficial poderá realizar outros cursos facultativos de alto nível, são os seguintes:

- Commander (Capitão-de-Fragata);
- Captain (Capitão-de-Mar-e-Guerra);
- Commodore ("1 estrela", sem correspondência no Brasil);
- Rear-Admiral (Contra-Almirante);
- Vice-Admiral (Vice-Almirante);
- Admiral (Almirante-de-Esquadra); e
- Admiral-of-the-Fleet (Almirante "5 estrelas").

As denominações dos dois últimos postos são exatamente ao contrário das em vigor no Brasil. Há apenas um Admiral-of-the-Fleet, que normalmente exerce o cargo de Chefe do Estado-Maior de Defesa (conjunto), em rodizio com as demais Forças.

O chamado Comodoro não é propriamente um posto, mas um cargo em comissão. Segundo nos foi informado, é possível um Capitão-de-Mar-e-Guerra ser promovido diretamente a Contra-Almirante sem ter sido Comodoro.

Resta apenas assinalar que os militares, na Inglaterra, podem passar à reserva a partir dos 16 anos de serviço. Outro ponto interessante consiste no recebimento automático de vencimentos correspondentes ao posto imediatamente acima, mesmo sem promoção, desde que cumprido o interstício do posto em que o militar se encontra.

## O REAL COLÉGIO NAVAL

Sob essa denominação agrupam-se, na região de Greenwich, subúrbio de Londres, quatro estabelecimentos que ocupam um palácio cuja origem remonta ao Rei Henrique VIII, no século XVI. Do conjunto fazem parte, ainda, o Museu Marítimo Nacional, o Observatório Nacional de Greenwich, onde está assinalado o Meridiano Zero, o Navio-Museu *Cutty Sark* e

um Hospital, denominado "das Guarnições dos Dreadnough".

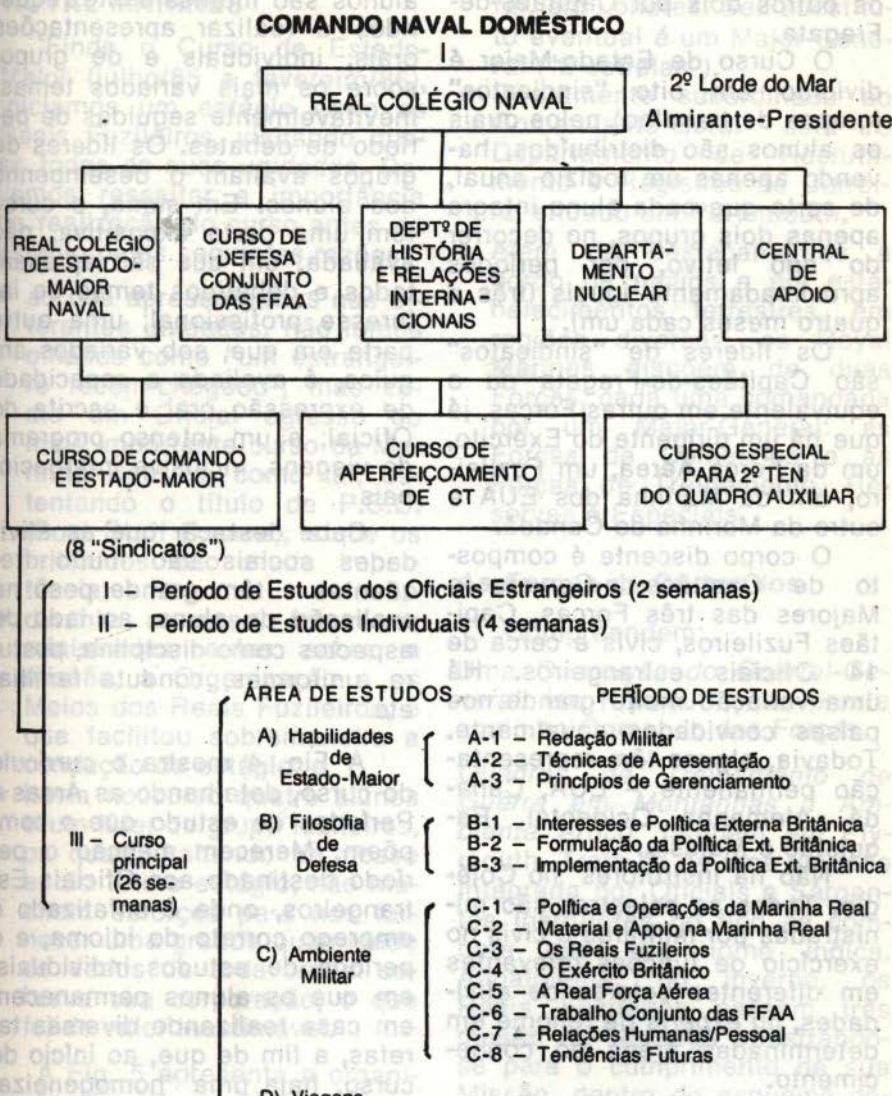
Os estabelecimentos não formam um conjunto unitário. Mantêm sua independência, conquanto sejam todos subordinados a um mesmo órgão – o Comando Naval Doméstico. Por outro lado, como no local está a residência oficial do 2º Lorde do Mar, é ele considerado o Almirante-Presidente daquela organização informal.

Os quatro estabelecimentos são: o Real Colégio de Estado-Maior Naval, o Curso de Defesa Conjunto das Forças Armadas, o Departamento de História e Relações Internacionais e o Departamento Nuclear. Existe ainda uma Central de Apoio, responsável pela prestação de serviços de forma integrada, tais como rancho, transporte, saúde etc. (Fig. 4).

Ahordaremos apenas o Real Colégio de Estado-Maior Naval, onde estudamos. Dos demais estabelecimentos, só tivemos contato com o Departamento de História e Relações Internacionais, que ministra algumas aulas e apóia a área por meio de uma considerável biblioteca, provida de processamento eletrônico de dados.

O Colégio de Estado-Maior é dirigido por um Capitão-de-Mar-e-Guerra sênior (mais de seis anos de posto) e ministra três cursos: Estado-Maior, Aperfeiçoamento de Capitães-Tenentes e Formação de 2º Tenentes originários do Corpo de Praças. O primeiro é chefiado por um Ca-

Figura 4. O Royal Naval College.



pitão-de-Mar-e-Guerra júnior e os outros dois por Capitães-de-Fragata.

O Curso de Estado-Maior é dividido em oito "sindicatos" (grupos de trabalho) pelos quais os alunos são distribuídos, havendo apenas um rodízio anual, de sorte que cada aluno integra apenas dois grupos, no decorrer do ano letivo, por períodos aproximadamente iguais (três a quatro meses cada um).

Os líderes de "sindicatos" são Capitães-de-Fragata ou o equivalente em outras Forças, já que há um dirigente do Exército, um da Força Aérea, um Fuzileiro, um da Marinha dos EUA e outro da Marinha do Canadá.

O corpo discente é composto de Capitães-de-Corveta e Majores das três Forças, Capitães Fuzileiros, civis e cerca de 14 Oficiais estrangeiros. Há uma variação muito grande nos países convidados anualmente. Todavia, alguns têm representação permanente – EUA, Canadá, Alemanha Ocidental, Paquistão e Malásia.

Não há instrutores no Colégio. Todas as palestras são ministradas por militares e civis no exercício de funções relevantes em diferentes setores de atividades, ou experts de renome em determinadas áreas do conhecimento.

Não há provas, mas tão-somente trabalhos individuais e de grupo, que consistem na elaboração de ensaios e outros documentos administrativos e operacionais, com base em situa-

ções fictícias. Além disso, os alunos são intensamente requeridos a realizar apresentações orais, individuais e de grupo, sobre os mais variados temas, inevitavelmente seguidas de período de debates. Os líderes de grupos avaliam o desempenho dos alunos. Em suma, o curso tem uma parte expositiva, não avaliada, em que são apresentados e debatidos temas de interesse profissional; uma outra parte em que, sob variados ângulos, é avaliada a capacidade de expressão oral e escrita do Oficial; e um intenso programa de viagens, inclusive internacionais.

Cabe destacar que as atividades sociais são muito freqüentes e têm grande peso na avaliação do aluno, ao lado de aspectos como disciplina, postura, uniformes, conduta familiar etc.

A Fig. 4 mostra o currículo do curso, detalhando as Áreas e Períodos de estudo que o compõem. Merecem menção o período destinado aos Oficiais Estrangeiros, onde é enfatizado o emprego correto do idioma, e o período de estudos individuais, em que os alunos permanecem em casa realizando diversas tarefas, a fim de que, ao início do curso, haja uma "homogeneização intelectual", difícil de ser obtida em decorrência das múltiplas origens dos Oficiais.

## A ORGANIZAÇÃO DOS ROYAL MARINES

Findo o Curso de Estado-Maior (julho/85 a fevereiro/86), iniciamos um estágio entre os Reais Fuzileiros, visitando quase todas as suas unidades. Devemos ressaltar a importância da realização do curso antes do estágio pelas seguintes razões:

- ao nos apresentarmos nas diferentes unidades, não fomos olhados como "um estrangeiro recém-chegado", mas como um Oficial egresso do mais importante curso da Marinha Real, e, como tal, ostentando o título de P.S.C. (Post Staff Course), a que os britânicos dão muita importância;
- durante o curso, foram-nos ministradas aulas sobre a missão, a Organização e os Meios dos Reais Fuzileiros, o que facilitou sobremaneira a condução do estágio;
- havia no curso quatro alunos e um líder de grupo fuzileiros, os quais, sabendo de nosso então futuro estágio, não mediram esforços para nos fornecer uma grande quantidade de dados de toda ordem sobre a sua corporação, o que foi de valor inestimável.

A Fig. 5 apresenta a organização dos Royal Marines, que passamos a detalhar:

- O Comando-Geral é exercido por um Lieutenant-General ("3 estrelas"), que, para apoiá-lo, dispõe de um Depar-

tamento do Comandante-Geral, em Londres. Seu substituto eventual é um Major-General ("2 estrelas").

- Diretamente subordinado ao Comandante-Geral está o Departamento de Recrutamento e Registros de Carreira, situado em Portsmouth.
- Além de destacamentos a bordo de navios e em estabelecimentos terrestres, em regiões diversas, os Royal Marines dispõem de duas Forças, cada uma comandada por um Major-General: as Forças de Comandos e as Forças de Treinamento, Reservas e Especiais.

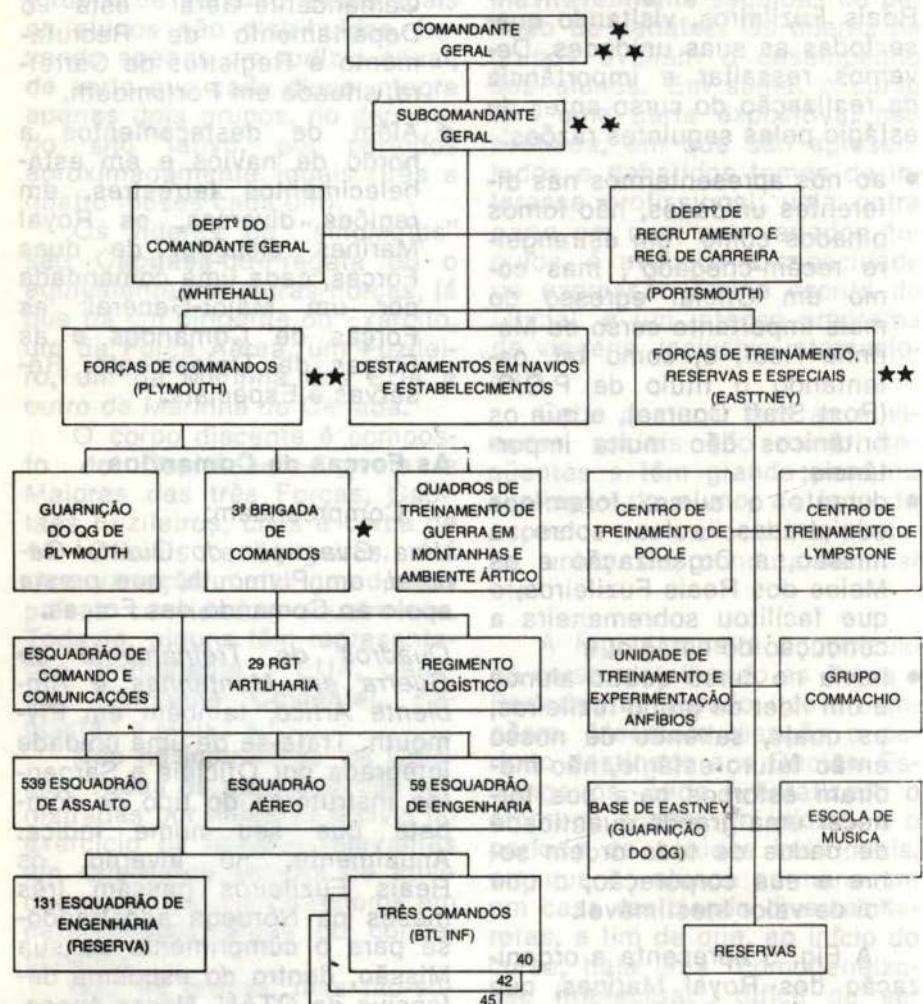
### As Forças de Comandos

Compreendem:

*Uma Guarnição do Quartel-General*, em Plymouth, que presta apoio ao Comando das Forças.

*Quadros de Treinamento de Guerra em Montanhas e Ambiente Ártico*, também em Plymouth. Trata-se de uma unidade integrada por Oficiais e Sargentos instrutores do tipo de combate que seu nome indica. Anualmente, no inverno, os Reais Fuzileiros passam três meses na Noruega adestrando-se para o cumprimento de sua Missão, dentro do esquema defensivo da OTAN. Nessa época, a unidade em pauta ministra cursos para os fuzileiros que lá estão pela primeira vez e recicla os "veteranos" nas técnicas de combate em clima frio. Em caso

Figura 5. Organização dos Royal Marines.



de guerra, essas unidades virão a constituir o Elemento de Reconhecimento Terrestre da 3ª Brigada de Comandos.

*3ª Brigada de Comandos* (a designação "3ª" é meramente histórica). Trata-se da mais expressiva Força dos Reais Fuzileiros, incumbida de desembarcar na Noruega, tendo assim incorporado um Grupamento de Desembarque de Batalhão (GDB) holandês, para conquistar uma cabeça-de-praia, a fim de conter um possível ataque russo na região e, posteriormente, ser ultrapassada por Forças de maior vulto da OTAN, possivelmente de Fuzileiros norte-americanos. É comandada por um Brigadeiro ("1 estrela"), seu efetivo é da ordem de 5.000 homens, e é assim constituida:

- Três Batalhões de Infantaria (Commando), os de nºs 40, 42 e 45 (designação histórica). O 40 Commando não desembarca na Noruega, nem é adestrado para o combate no Ártico. Sua tarefa é operar em Belize, desenvolvendo Operações Ribeirinhas, de Selva e Especiais, em rotina semestral com o Exército.
- Um regimento de Artilharia, do Exército, à disposição dos Fuzileiros.
- Um Esquadrão de Engenharia, também do Exército.
- Um Regimento Logístico misto, com elementos do Exército, da Marinha e dos Fuzileiros.

- Um Esquadrão de Helicópteros *Gazelle* e *Lynx*.
- Um Esquadrão de Assalto, onde estão posicionadas as Embarcações de Desembarque.
- Um Esquadrão de Comando e Comunicações.
- Um Esquadrão Reserva de Engenharia, mobilizado em caso de guerra e realizando adestramento anual.

#### **As forças de treinamento, reservas e especiais**

Sob essa denominação, estão reunidas as demais unidades dos Fuzileiros, localizadas em diferentes pontos da Inglaterra. O Comandante dessas Forças e a Guarnição do seu Quartel-General estão estacionados na Base de Eastney, nas proximidades de Portsmouth. As unidades são as seguintes:

#### **De treinamento**

- Centro de Treinamento (Especializado) de Poole.
- Centro de Treinamento (Básico) de Lympstone.
- Unidade de Treinamento e Experimentação Anfíbios, em Barnstaple.
- Escola de Música, perto de Dover.

#### **Especiais**

- Special Boat Squadron (SBS), responsável pela realização

de Reconhecimento Anfibio, em proveito da Esquadra, e pela conduta de ações de contraterrorismo marítimo. Situa-se em Poole, exceto por uma de suas seções, estacionada na Escócia.

Grupo Commachio, em Arbroath/Escócia, responsável pela defesa das plataformas de petróleo do Mar do Norte (para o que tem a si incorporada uma seção do SBS) e pela defesa das instalações nucleares da Marinha Real, na Base de Clyde, em Rosyth/Escócia.

### Reservas

Os dois centros de treinamento acima citados são responsáveis pelo adestramento anual de reservistas voluntários. Os centros de preparação e recrutamento desses reservistas, todavia, situam-se em Londres, Bristol, Meyerside, Tyne e Arbroath, Escócia.

## A FORMAÇÃO DE PESSOAL NOS ROYAL MARINES

As Figs. 6 e 7 apresentam, de forma resumida, respectivamente, os fluxos das carreiras de Oficiais e Praças.

O recrutamento de uns e outros é feito no mesmo Departamento, em Portsmouth. Também a formação se dá no mesmo local – o Centro de Treinamento de Lympstone. Segundo os in-

gleses, esse procedimento tem excelentes reflexos sobre a liderança, principalmente pelo fato de Oficiais e Praças serem submetidos às mesmas provas de suficiência física, devendo, entretanto, os primeiros, realizá-las em tempo menor que o permitido aos segundos.

Antes da matrícula nos Cursos de Formação, tanto Oficiais quanto Praças realizam, em Lympstone, respectivamente, o Curso de Oficiais em Potencial (Potential Officers Course) e o Curso de Recrutas em Potencial (Potential Recruits Course). Ambos consistem em um período de três dias, conduzido em Lympstone, onde os candidatos recebem boa noção do que será sua carreira e são submetidos a diversos testes iniciais de suficiência física, psicométrica e capacidade intelectual. Os futuros Oficiais são também testados em sua sociabilidade e capacidade de expressão oral e escrita.

Após essa pré-seleção, os caminhos são diferentes. Os Praças que forem nela aprovados e voluntariamente ingressarem na carreira são imediatamente matriculados em uma turma de recrutas (a cada dois meses se inicia a instrução de uma). Já os candidatos ao Oficialato, que devem dispor de Faculdade ou créditos em certas matérias (inglês, matemática etc.) em nível de 2º grau, são encaminhados ao Almirantado, para rigorosa seleção. Os aprovados são matriculados em um

**Figura 6. A Formação de Oficiais nos Royal Marines**

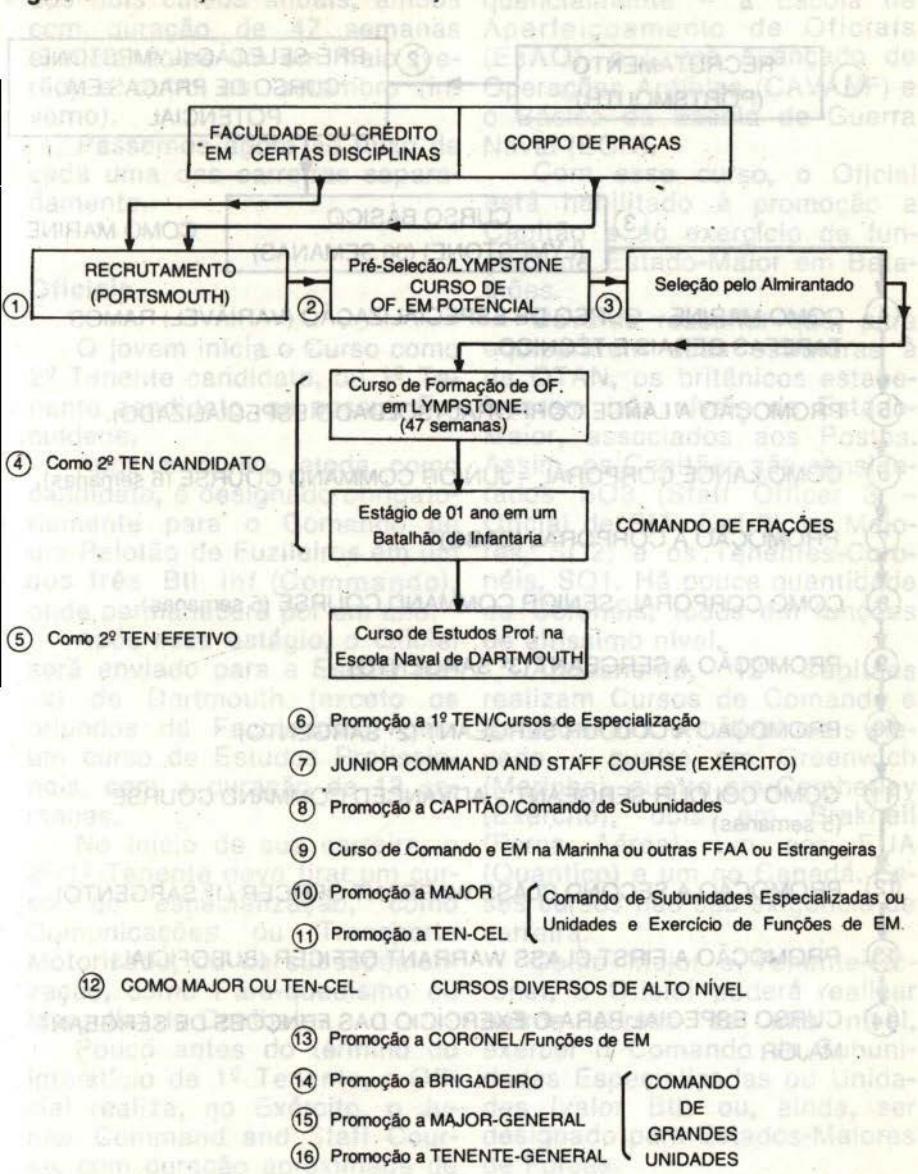


Figura 7. Formação de Praças nos Royal Marines.



dos dois cursos anuais, ambos com duração de 47 semanas e iniciando-se um em maio (verão) e outro em setembro (inverno).

Passemos agora ao fluxo de cada uma das carreiras separadamente.

### Oficiais

O jovem inicia o Curso como 2º Tenente candidato, ou 1º Tenente candidato, se possuir Faculdade.

Após o curso, ainda como candidato, é designado obrigatoriamente para o Comando de um Pelotão de Fuzileiros em um dos três Btl Inf (Commando), onde permanecerá por um ano.

Após esse estágio, o Oficial será enviado para a Escola Naval de Dartmouth (exceto os oriundos de Faculdades), para um curso de Estudos Profissionais, com a duração de 13 semanas.

No início de sua carreira, o 2º/1º Tenente deve tirar um curso de especialização, como Comunicações ou Transporte Motorizado, ou de subespecialização, como Pára-quedismo ou Mergulho de Combate.

Pouco antes do término do interstício de 1º Tenente, o Oficial realiza, no Exército, o Junior Command and Staff Course, com duração aproximada de um ano. Isso equivale, no Brasil, a uma combinação de três cursos que os Capitães-Tenentes Fuzileiros Navais realizam se-

quencialmente – a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), o Curso Avançado de Operações Anfíbias (CAVANF) e o Básico da Escola de Guerra Naval (EGN).

Com esse curso, o Oficial está habilitado à promoção a Capitão e ao exercício de funções de Estado-Maior em Batalhões.

Deve-se ressaltar que, para equipararem suas estruturas à da OTAN, os britânicos estabeleceram três níveis de Estado-Maior, associados aos Postos. Assim, os Capitães são considerados SO3 (Staff Officer 3 – Oficial de EM nível 3); os Maiores, SO2; e os Tenentes-Coronéis, SO1. Há pouca quantidade de Coronéis, todos em funções de altíssimo nível.

Anualmente, 12 Capitães realizam Cursos de Comando e Estado-Maior em nível mais elevado – quatro em Greenwich (Marinha), quatro em Camberley (Exército), dois em Braknell (Força Aérea), um nos EUA (Quantico) e um no Canadá. Esses cursos não são exigência de carreira.

Como Major e Tenente-Coronel, o Oficial poderá realizar outros cursos de alto nível, exercer o Comando de Subunidades Especializadas ou Unidades (valor Btl) ou, ainda, ser designado para Estados-Maiores de Forças.

Como Coronel, o Oficial trabalhará em Londres, no Ministério da Defesa, ou exercerá o Comando do Centro de Treina-

mento de Lympstone, podendo ainda exercer funções de assessoria superior junto à OTAN, a outras Forças ou no estrangeiro.

Quanto a Oficiais-Generais, há apenas cinco:

- um Brigadeiro (Brigadier), Comandante da 3ª Brigada de Comandos ("1 estrela");
- três Majores-Generais ("2 estrelas"): Comandante das Forças de Comandos, Comandante das Forças de Treinamento/Reservas/Especiais e Sub-comandante-Geral; e
- um Lieutenant-General ("3 estrelas"), Comandante-Geral.

### Praças

Após um curso de 30 semanas, no Centro de Treinamento de Lympstone, o Praça, na graduação de Marine, será designado para uma unidade operativa, onde permanecerá por um período de cerca de um ano e meio a dois anos.

A seguir, fará um curso de especialização, que pode ser tirado entre os próprios Royal Marines, no Exército ou na Marinha. Há dois ramos de atividades – o de Tarefas Gerais (mais operativo) e o de Técnicos. Como exemplos, citam-se:

- Tarefas gerais: Engenharia de Assalto, Instrutor de Recrutas, Armas Pesadas, Mestre de Embarcações de Desembarque etc.
- Técnicos: Armeiros, Metalúrgicos, Gráficos-Illustradores, Carpinteiros etc.

Esse curso habilita o Praça à promoção a Lance Corporal (Soldado especializado), graduação em que retornará a Lympstone para fazer outro curso – o Junior Command Course, de seis semanas de duração, seguido de estágio de três semanas em unidades operacionais. Após esse outro curso, o Praça é promovido a Cahó, e, depois de servir por alguns anos em unidades onde sua especialização possa ser aproveitada, voltará mais uma vez a Lympstone, para o Senior Command Course, de cinco semanas, seguido de estágio prático de duas semanas. Só então estará habilitado à promoção a Sargento (3º Sargento).

Cumprido o interstício de 3º Sargento, o Praça será promovido a Colour Sergeant (2º Sargento), e, pela terceira vez, retornará a Lympstone, para o Advanced Command Course, de cinco semanas, que o habilitará à promoção a Second Class Warrant Officer (1º Sargento).

Segue-se a promoção a First Class Warrant Officer (Suboficial), última graduação na carreira dos Praças.

Alguns Suboficiais podem se candidatar ao exercício das funções de regimental Sergeant Major. Trata-se de cargo em comissão, mantido até hoje por motivo de tradições. É exercido pelo Suboficial mais antigo de uma Unidade ou Força, o qual passa a ter uma série de regalias, e, em contrapartida, inúmeros deveres, particularmente no

que tange à manutenção de um elevado padrão disciplinar entre os Praças.

Para se tornar um Sergeant Major, o Suboficial tem que se submeter a rigorosa seleção por parte de uma banca da qual faz parte um Oficial-General. Se aprovado, freqüenta um curso especial de quatro semanas, também em Lympstone.

## CONCLUSÃO

Não é difícil constatar, à luz do que foi exposto, que os dados colhidos no convívio com a Marinha e os Fuzileiros Reais foram de grande amplitude, porém de pequena profundidade. Isso não se deveu à nossa atitude, mas à forma de abordagem adotada pelos britânicos na transmissão de dados aos estrangeiros que os visitavam.

Por conseguinte, seria temerário emitir conclusões quanto à propriedade ou não de suas doutrinas, táticas, organização, meios ou valor combatente.

Por outro lado, é inevitável, quando se observa uma instituição estrangeira, realizar comparações incessantes com a realidade nacional.

Esse como que "ato reflexo" pode levar a erros de interpretação, principalmente se o observador adotar posturas simplistas, do tipo "o que é bom para eles é bom para nós", ou "o nosso sistema é melhor (ou pior!) que o deles".

E fundamental, para uma

análise menos falha, ter sempre em mente as peculiaridades do Estado e da Nação cujas características estão sendo observadas. Dentro dessa ordem de idéias, cabe ressaltar que:

- As Forças Armadas britânicas têm, muito bem definidos, sua Missão, seu Inimigo e seu Ambiente de Combate. Os problemas que enfrentam, pois, dizem mais respeito aos Meios de que dispõem ou devem dispor para se adequarem ao cumprimento de suas tarefas, o que coloca a questão muito mais nos planos da tecnologia e da economia do que no da Arte da Guerra. Essa situação, em nosso entender, difere bastante do caso brasileiro.
- Os militares britânicos têm certas características dignas de louvor: devotamento à carreira; crença em sua destinação; elevado grau de profissionalismo, traduzido por uma preocupação constante com o desempenho individual e coletivo, em termos físicos, técnicos, psicológicos, morais e espirituais; patriotismo desprovido de quaisquer traços de pieguice e, muito menos, de "respeito humano"; preservação enfática de tradições e outros valores históricos; e outras, correlatas, cuja enumeração pode ser dispensada.

Não nos compete estabelecer comparações entre brasileiros e britânicos quanto ao grau

em que tais valores são cultuados, lá e cá. Mas é válido afirmar serem eles essenciais à existência de Forças Armadas dignas desse nome, em qualquer país, e, como tal, constituem exemplo sobre o qual se deve, no mínimo, meditar.

As dificuldades de ordem política (interna e externa), econômica e social porque passa o Reino Unido têm se refletido com um certo vigor no Campo Militar. Todavia, em vez de se mearem o desânimo, têm, ao contrário, sido encaradas como desafios a serem superados, e, como tal, servido de estímulo à criatividade e ao desempenho dos militares.

Ao que nos é dado conhecer das características brasileiras, tal atitude, se considerada necessária, é de fácil assimilação por nosso povo – desde que adequadamente estimulado por seus dirigentes – tanto da parte dos militares quanto dos civis.

Inúmeras vezes, ouvimos, da parte de Oficiais representantes de ex-colônias britânicas, um trocadilho irreverente e malicioso – a canção patriótica a que nos referimos na Introdução não seria "Britannia Rule the Waves" ("... rege as ondas"), mas "Britannia Waves the Rules" ("... agi-

ta as regras"), ou seja, "provoca a desordem").

Com efeito, há alguns costumes britânicos que parecem fugir a certas "lógicas" assumidas pelo mundo afora. Por exemplo, as ex-colônias não compreendem: que uma Monarquia possa se considerar democrática; que cada Regimento do Exército use um uniforme diferente, sem que isso cause quaisquer problemas; que um país inteiro literalmente "pare" às cinco da tarde para tomar chá; que uma das maiores potências industriais do mundo ocidental possa manter um multissecular sistema político simultaneamente tradicionalista e eficaz... e prescindindo de uma Constituição!

Deixemos ao critério de cada indivíduo considerar ou não tais peculiaridades como "geradoras de desordem". Mas não há como negar a evidência de que, se alguma influência efetivamente advém dessas singularidades, elas, como no conhecido princípio da termodinâmica, constituem "um sistema desordenadamente ordenado". Que o digam as potências que, ao longo dos séculos, sofreram contínuos reveses, no confronto bélico, em terra e no mar, com o Reino Unido.



**CF (FN) GIL CORDEIRO DIAS FERREIRA** – Possui, entre outros, o Curso Básico da Escola de Guerra Naval, de Comando e Estado-Maior da EGN, Superior da EGN e o "Staff Course" (Comando e Estado-Maior), no Royal Naval Staff College, Inglaterra. É também Análise de Sistemas, no LTD Datamec, Ciclo de Estudos de Segurança e Desenvolvimento, pela ADESG, e Informações CAT "B", pela ESNI.

Como comissões, Batalhão de Transporte Motorizado, Batalhão de Comando da Divisão Anfíbia, Batalhão de Manutenção e Abastecimento, 3º Batalhão de Infantaria da Divisão Anfíbia, Grupamento de Fuzileiros Navais e Ladário, Estado-Maior do 6º Distrito Naval, Agência Central do SNI, Estado-Maior da Força de Fuzileiros de Esquadra e Comando Geral do CFN (Oficial de EM). Atualmente, é Comandante do Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário. Recebeu várias condecorações e tem tido diversos contos e artigos premiados em concursos literários, como os da Escola Naval e o da Editora Vecchi/Casas Britto.

**NÃO FOI SÓ NO CONCEITO QUE  
O MERIDIONAL CRESCEU.  
CRESCEU NOS DEPÓSITOS À VISTA, NOS  
SEGUROS, NA POUPANÇA, NAS  
ARRECADAÇÕES, NO VOLUME DE COBRANÇAS,  
NAS AÇÕES, NAS APLICAÇÕES E EM TODOS  
OS OUTROS SETORES EM QUE ATUA.**



É A UNIÃO  
MOSTRANDO  
SUA FORÇA.

**MERIDIONAL**  
O BANCO COM A FORÇA DA UNIÃO